



# FOLHA DE S. PA

Diretor de Redação: Otavio Frias Filho \* São Paulo, quarta-feira, 22 de fevereiro de 1989 \* Um jornal a serviço do Brasil \* Ano

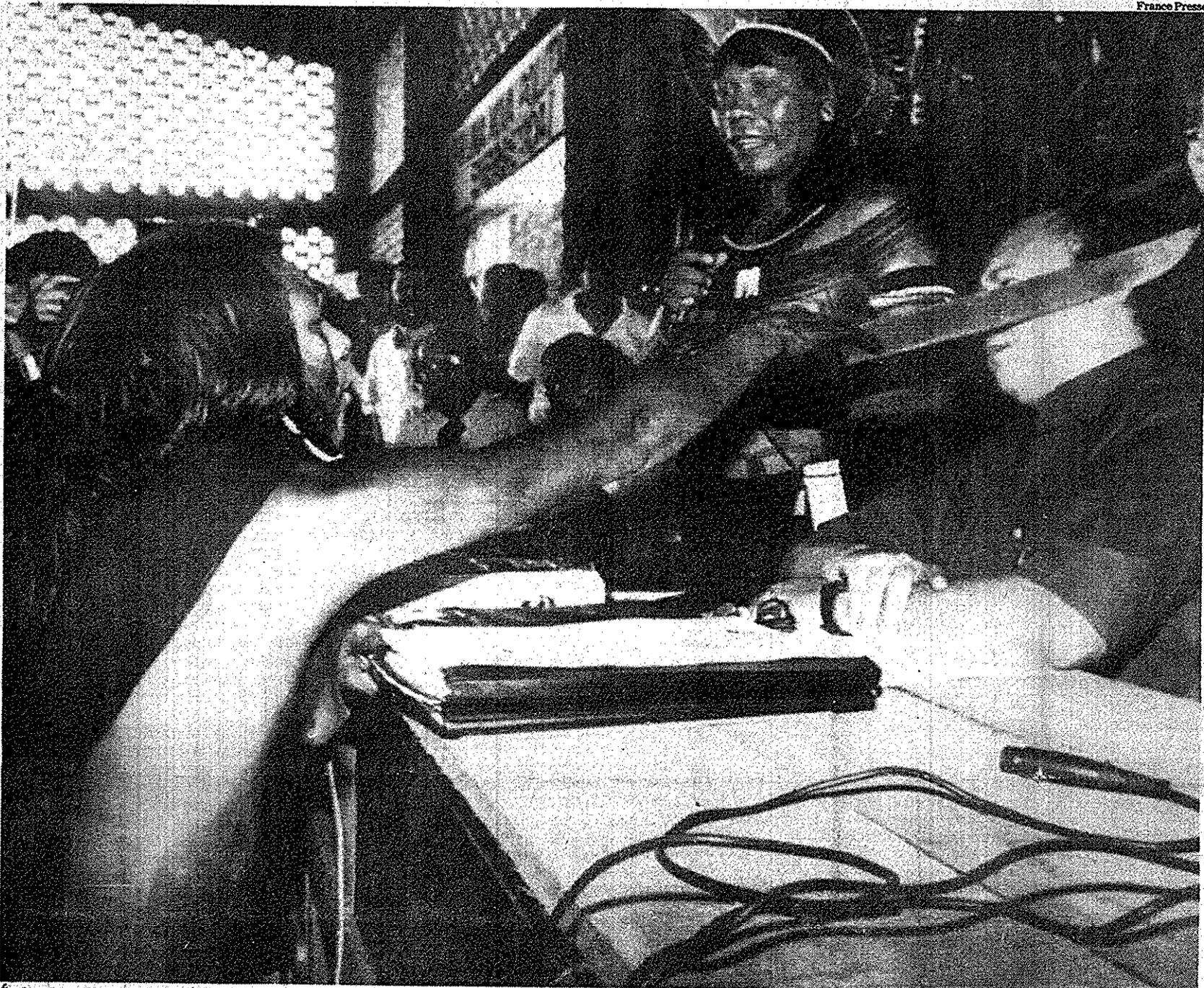
## Gravação de novela na Câmara irrita deputado Senado decide controlar mais seus funcionários

A gravação de cenas da novela "O Salvador da Pátria" (Rede Globo) dentro da Câmara dos Deputados ontem causou polêmica. Arnaldo Faria de Sá (PJ-SP) pediu em plenário a sua suspensão, apesar da autorização que havia sido dada para a

Globo pela Mesa. As cenas tinham como personagens o "deputado" Severo Bianco (Francisco Cuoco) e Bárbara (Lúcia Veríssimo) e foram gravadas no gabinete do deputado Ronaldo César Coelho (PSDB-RJ), ausente. PÁG. A-4

A Mesa do Senado decidiu ontem recadastrar os funcionários da Casa. O empregado que em 30 dias não informar onde está lotado, há quanto tempo trabalha no local e como chegou ao cargo será demitido. A Mesa decidiu também não pagar os

extras reivindicados por servidores que trabalharam nas sessões de votação do "choque verão". O regime de meio-expediente deverá ser extinto e assessores dos membros da Mesa não mais constarão do quadro funcional efetivo. PÁG. A-4



Índia da tribo caiapó encosta um facão no rosto do diretor da Eletronorte, Muniz Lopes, no momento em que ele discursa em defesa da construção da hidrelétrica

## Tensão marca encontro em Altamira

Um clima tenso dominou ontem o segundo dia do 1º Encontro das Nações Indígenas, em Altamira (PA). A índia caiapó Taira encostou um facão no rosto do diretor da Eletronorte,

José Antonio Muniz Lopes, quando ele justificava a construção da barragem de Cararaó, relata o enviado especial Fernando Gabeira. O cacique Payakan explicou que esse "ritual"

é usado pelas mulheres para expressar indignação. No encontro, que acaba sábado, os índios receberam a promessa de que a Eletronorte mudaria o nome da hidrelétrica e que não usaria

mais nomes indígenas. Em reportagem para a Folha, o escritor Marcelo Paiva comenta que, apesar da tensão, Altamira vive em festa, com as pessoas usando "roupas de domingo". PÁG. C-3

Encontro de Altamira

# Índia saca o facão e assusta diretor da Eletronorte

FERNANDO GABEIRA  
Enviado especial a Altamira

Com a presença do cantor Sting e do cacique Raoni, o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que se realiza em Altamira (461 km a oeste de Belém, PA) até o próximo sábado, ganhou uma dimensão dramática com o choque cultural ocorrido na manhã de ontem, quando a índia caiapó Taira levantou-se da plateia e colocou um imenso facão no rosto do diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, que tentava justificar a construção da barragem da Cararaó.

Tanto o diretor da Eletronorte como o representante do governo federal, Fernando César Mesquita, ficaram lívidos no momento em que o facão cruzou o ar a poucos centímetros do rosto de Muniz Lopes. O cacique Payakan explicou, imediatamente, que aquilo não era uma guerra mas apenas uma maneira ritual, através da qual as mulheres caiapós expressam sua indignação. Logo em seguida, os próprios índios explicaram em inglês aos jornalistas internacionais que iria prosseguir o ritual de descontentamento mas que não deveriam tomar aquilo como agressividade, pois guerra hoje só existe muito longe daqui "no Ira e no Iraque".

Mudança de nome

Um outro momento importante do debate foi quando o diretor da Eletronorte anunciou que acabara de falar com o presidente da companhia e recebeu autorização para riscar o nome Cararaó da hidrelétrica porque isto significa uma agressão cultural aos caiapós. Payakan ouviu atentamente a promessa de mudança de nome e também da não-utilização de nomes indígenas em suas usinas. Em seguida, pediu aos guerreiros que mostrassem o que era Cararaó. Um grupo de guerreiros se levantou no meio do estádio, cantando furiosamente e encenando uma dança de guerra.

"Quando um jovem caiapó que sabe ler", disse Payakan, "vê um cartaz com nome da hidrelétrica de Cararaó, ele pensa que os brancos declararam guerra à sua tribo". Todo o discurso do diretor de planejamento da Eletronorte foi



Índio aponta uma lança para o peito do diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, num ritual de protesto pela construção da hidrelétrica de Cararaó

entrecortado por gritos de protesto das mulheres caiapós e de vez em quando uma delas se adiantava, aproximava-se da mesa e brandia um facão de mais ou menos 50 centímetros diante do rosto do alto funcionário da empresa.

O tom da exposição, apesar do grande desfile de apoio que a União Democrática Ruralista (UDR) armou no dia anterior, foi francamente defensivo. Muniz Lopes admite que o assunto não será resolvido na gestão de Sarney e que o projeto de Cararaó deve levar ainda quase dois anos para ser avaliado, pela primeira vez. Altos funcionários da Eletronorte indicaram que a usina de Babaçuara, programada também para o Xingu, não deverá ser junto com a Cararaó — o complexo deveria gerar 16 mil megawatts. Os críticos da

Eletronorte, entre eles Alan Douglas Poole, do Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo, acham que será difícil cancelar Babaçuara.

A empresa se abriu nos últimos dias para conversas informais com jornalistas. Foi convidado para almoçar com eles e senti que todo o planejamento decenal é montado com um cenário de desenvolvimento para a Amazônia. Os cenários da Eletronorte tendem a superestimar o nível de crescimento econômico nos próximos anos e subestimam a pressão internacional dos ecologistas sobre a política da empresa na Amazônia.

Solução dos problemas

A cidade de Altamira está sendo trabalhada há muito para aceitar a instalação de Cararaó e começou a

associar isto com a solução de todos os seus problemas. Uma pesquisa realizada por uma equipe inglesa de TV revelou que os manifestantes congregados pela UDR eram capazes de explicar o que é ecologia, apesar dos cartazes, e acreditavam que o principal benefício de Cararaó vai ser o asfaltamento da cidade. A própria Eletronorte contribuiu para este mal entendido na medida em que se coloca um órgão de desenvolvimento regional. No projeto da usina constam promessas da construção de uma universidade e abertura de um pólo madeireiro.

As conversas informais com a Eletronorte revelaram também que não se disse para a população que sua demanda de energia poderia ser suprida por uma linha de mil quilômetros que seria puxada de

Tucuruí e iria até Taiatuba, trazendo 230 kws, mais do que a cidade necessita para seu crescimento.

Sting e os índios

Sting chegou às 13h em Altamira a bordo de um bimotor Seneca, acompanhado dos caciques Raoni e Megaron. O clima de expectativa em torno da chegada do cantor era grande entre os adolescentes da cidade. Entre os grupos que apóiam os índios havia uma fríeza em torno da chegada do cantor. Isto porque ele foi primeiro ao presidente e ainda disse que Sarney era um ecologista.

Cartazes escritos pela equipe de Sting circularam nos principais hotéis anunciando uma entrevista coletiva para as 17h. Payakan, Ailton Krenaki e Marcos Terena fizeram

uma pequena reunião para discutir a melhor maneira de receber Sting no encontro. O local dos debates é muito precário e além disso invadido por mais de mil pessoas, entre elas alguns caçadores de autógrafos. A melhor maneira de apresentar o apoio do cantor foi convidá-lo para a chácara Betânia, onde apareceria pintado para mostrar seu envolvimento na luta em favor da Amazônia. Sting, que descansou no hotel Altamira Place, acabou sendo transferido para uma residência especial para despistar os repórteres fotográficos que estivessem em sua busca. Apesar de tudo, a chegada de Sting foi toda filmada pela TV Granada que, acidentalmente, estava no aeroporto.

Sting ou Taira

Observadores aqui discutiam sobre quem seria a figura do dia no encontro. Sting ou a jovem Taira. Vestida apenas com um short com o rosto pintado, ela ficou sentada durante toda a conferência e jamais baixou seu facão, como se mantivesse desde o momento em que chegou ao encontro a mesma postura da dança de guerra. Sentia-se que era da nova geração dos caiapós, radical e com um orgulho cultural visível. Elas se incomodou um pouco com os jornalistas que não a deixavam ver a expressão do diretor da Eletronorte e pediu em voz alta que se sentassem. Aproximou-se da mesa com calma, fez seus discursos, foi aplaudida e voltou para seu lugar com a arma sempre levantada. Taira não fala português e não parecia muito interessada em aprender. Ficou impassível diante das câmeras que se fixaram nela durante todo o resto do encontro. Payakan, finalmente, informou no microfone que Taira era sua prima. Várias nações se fizeram representar no protesto e os xavantes, através do índio Benjamin, acabaram fazendo um discurso de crítica ao governo, sob aplausos da plateia branca. Apenas dois deputados falaram: Fábio Feldman (PSDB), muito aplaudido por dizer que o Congresso vai vetar Cararaó, e Domingos Juvenil (PMDB), vaiada por fazer o velho discurso do desenvolvimento amazônico. Ele é dono de uma emissora de rádio e defende a construção de Cararaó.

Editoria de Arte

## Cidade esquece guerra da Amazônia e vive encontro em clima de festa

MARCELO PAIVA

Especial para a Folha, de Altamira

Pensem o que quiserem, mas Altamira está em festa, apesar da guerra que vive a Amazônia. No aeroporto, os membros da sociedade local munidos de suas esposas, filhos e sorrisos dão boas-vindas a centenas de fotógrafos, observadores, antropólogos, autoridades, penitras e, claro, índios. Pedem autógrafos a qualquer um que tenha um cartão de embarque na mão, numa eufórica excitação pela novidade.

Nas ruas, a população desfila com a sua roupa de domingo, qualquer que seja o dia da semana. Nos corredores dos hotéis, as mães, com exuberantes brincos, trazem as filhas, com exuberantes pinturas, na esperança de que um pretendente se ofereça para levá-las daqui. Lembra Macondo nos seus tantos anos de solidão. Lembra um cenário de um filme de faroeste. Perdida no meio da selva, Altamira lembra uma cidade parada no tempo, vivendo na ilusão de um dia cair do céu, embrulhada para presente, o tão esperado progresso. As prostitutas do bairro chamado —ironia— Brasília afogam-se em beijos com garimpeiros de boa sorte e coração solitário. Os vaqueiros partem por uma Transamazônica que liga lugar nenhum a nenhum lugar. Mas não é só de ouro e gado que vive Altamira. Vive-se também de sonho. E o progresso é o maior deles. As pessoas aqui falam demais, reclamam demais e, nas entrelinhas, a maioria, das desilusões: "o governo nos abandonou".

Não é difícil desenhar o retrato da maioria das cidades da Amazônia, onde os sonhos e a decadência caminham juntos. Altamira está para voltar a ser o pequeno vilarejo que foi antes da construção da Transamazônica. No entanto, pensa que nas hidrelétricas que ainda não caíram do céu está a solução. Este é o maior desafio do encontro, acabar com a ilusão. Na vizinha Tucuruí, apesar da hidrelétrica, nada mudou.



Sting chega à chácara Betânia, a 8 km de Altamira, e acena para os índios

Apesar da tragédia que estão vivendo as nações indígenas — uma parte dela é o massacre que já começou em Roraima, onde os Ianomamis têm as suas terras invadidas por 200 mil garimpeiros, terras que o governo brasileiro dividiu pateticamente em 19 subáreas, determinando que a floresta e o parque não fossem exclusivos dos índios —, ainda assim o bom-humor reina em Altamira. Os brasileiros param aos gritos qualquer loiro com cara de estrangeiro, perguntando se por acaso o cidadão não seria o "stilingue". Já os estrangeiros correm como baratas dopadas atrás do Mr. Paikan. Entram no meio do círculo formado por danças indígenas, tropeçando com suas câmeras pesadíssimas e se esborrachando no chão de lama. Alguns pedem para serem pintados pelas mulheres indígenas, e só depois ficam sabendo que a tinta demora 15 dias para sair. A imprensa internacional fotografa tudo, filma tudo e não entende picas. Os índios, vaidosos e teatrais, adoram. E os homens brancos passam o dia fugindo dos "B52", que é como foram apelidados os gigantes

insetos da Amazônia. "Não viemos aqui para passear. Viemos para lutar e exigir justiça". Foi o que todos os líderes das nações indígenas gritaram para o mundo ouvir. Fernando Mesquita, a chave-de-fenda do governo Sarney, observava tudo com os olhos esbugalhados e, após ser vaiado, deu uma de professor de geografia, lembrando a grandeza da Amazônia com seus tantos quilômetros quadrados, etc. Criou um vazio com as suas palavras tolas, empurrando com a barreira a tragédia que está para vir. É no hino de Altamira um estribilho: "Da Amazônia vivente e radiosa, um pedaço nos coube em partilha, terra vasta, fecunda e grandiosa, da natureza esplendor, in aravilha". Onde? Nos sonhos desta cidade. Ou talvez no "Ivat", onde, após a morte, o índio do Xingu terá tudo o que quiser. Do jeito que as coisas andam, se o enredo desta tragédia não for modificado, o estribilho vai virar uma farsa, ou mais uma lenda amazônica.

MARCELO PAIVA, 21, autor de "Feliz Ano Velho" e preparou um livro inspirado na Amazônia.

## Sting buscará recursos para parque indígena

Do enviado especial

Numa entrevista coletiva que os caiapós tiveram que controlar todo o tempo, pois até no alto das árvores os cinegrafistas se colocaram, o cantor Sting, ao lado de Raoni e Megaron, confirmou ontem sua disposição para criar uma fundação que vai arrecadar fundos no mundo inteiro para criar um parque ampliado no Xingu, garantindo a sobrevivência tranquila dos índios da área assim como a preservação da floresta.

Sting, que chegou a Altamira no princípio da tarde, estava com um suéter amarrado no pescoço e antes da entrevista consultou um pequeno caderno vermelho, anunciando que a campanha pela floresta tropical começa em abril e consistirá em viagens conjuntas com Raoni, onde os dois levantarão os fundos para o empreendimento. A campanha será lançada na Europa mas Sting, que já foi convidado pelo novo imperador japonês, pretende levá-la também ao Oriente.

Interrogado sobre sua visita ao presidente Sarney, Sting disse que era um importante passo diplomático para assegurar o sucesso da fundação. Sting estava muito preocupado em afirmar a soberania brasileira sobre a Amazônia e em enfatizar os problemas econômicos brasileiros, revelando com isso a necessidade de ajuda externa para preservar o meio ambiente.

Questionado sobre a administração do dinheiro que vai levantar pelo mundo, Sting disse que cuidaria pessoalmente disto ao lado do cacique Raoni. Sting considera que Raoni pode se transformar num símbolo mundial da preservação da floresta e decidiu se engajar a fundo na campanha pela preservação da Amazônia, o que já tinha prometido no último show pelos direitos humanos, no ano passado. Um dos problemas estratégicos que pretende resolver é o da demarcação das terras indígenas no Xingu.

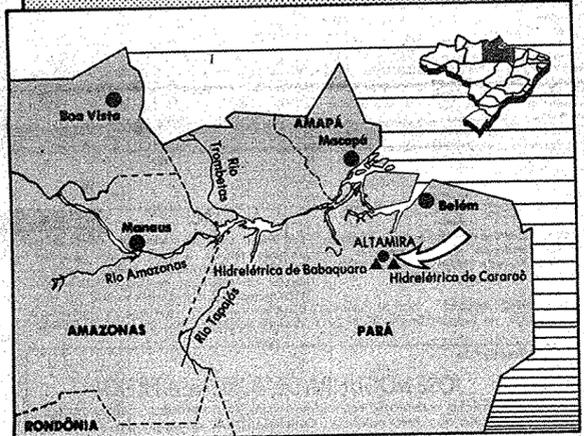
## Há 'holocausto biológico', diz Lutzenberger

Do Correspondente em Belém (PA)

O ecologista gaúcho José Lutzenberger, 62, ganhador do prêmio Nobel alternativo de 1988, disse ontem em Belém (PA), que o mundo vive hoje um "holocausto biológico" nunca ocorrido na história conhecida do planeta. Ele falou na abertura do Tribunal Amazônico da Natureza, que julga simbolicamente o governo pelos danos causados à região.

Lutzenberger classificou de "conversa fiada" a reação do governo às propostas para se evitar a devastação e disse que nunca ouviu a expressão "internacionalização da Amazônia" no exterior. "O governo deturpa os fatos para não mudar a realidade atual", afirmou. Ele atribuiu o desaparecimento de suas malas em Belém ao Serviço Nacional de Informações (SNI).

### O LOCAL DO ENCONTRO



# OBRIGADO, DOUTORA!

A Sociedade Brasileira agradece à Dra. Marta, pelos relevantes serviços prestados à saúde pública, à frente da Dimed — Divisão Nacional de Medicamentos.

Soc. Bras. Psicobiologia — Soc. Bras. Farmacologia e Terapêutica Experimental — Soc. Bras. Para o Progresso da Ciência — Soc. Bras. de Investigação Científica — Ass. Paulista de Medicina — Ass. Paulista de Farmacêuticos — Conselho Regional de Farmácia CRF-8 — Ass. Farmacêuticos Assessores Indústria — Ass. Médica Brasileira — Sind. Farmacêuticos SP — Sind. Engenheiros SP — Companhia de Desenvolvimento Tecnológico CODETEC — Ass. Laboratórios Farmacêuticos Nacionais — Ass. Latinoamericana Indústria Farmacêutica — ABIFINA - Ass. das Indústrias Brasileiras de Química Fina — ABRASP - Ass. Brasileira dos Produtores de Soluções Parenterais.

Coquetel de Homenagem à Dra. Marta Nóbrega Martinezi: 23 de fevereiro de 1989, no Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos de São Paulo Rua Alvorada, 1280 - Vila Olímpia - São Paulo - SP

## Ecologistas protestam em frente à embaixada do Brasil em Londres

De Londres

A organização ambientalista britânica "Friends of the Earth" (Amigos da Terra) bloqueou na manhã de ontem, durante meia hora, as duas entradas da embaixada do Brasil em Londres, com uma barreira de táboas para simbolizar a repressão de Cararaó na floresta amazônica. Cerca de 20 manifestantes exibiram cartazes com os dizeres "Defenda a floresta amazônica", e "O Brasil está repressando a floresta amazônica". A rápida manifestação acabou com a chegada da polícia que ordenou o desmantelamento da "repressão simbólica". Os manifestantes deixaram uma carta endereçada ao presidente José Sarney, oferecendo apoio ao "1º Encontro das Nações Indígenas", em Altamira, e protestando contra a constru-

ção de um conjunto de usinas hidrelétricas na Amazônia. "Esta vez eles saíram um pouco das regras do jogo", disse o embaixador do Brasil no Reino Unido, Celso Antonio de Souza e Silva, referindo-se ao fato de que para realizar manifestações ou fazer "lobby" os grupos de protesto têm que avisar previamente a instituição objeto da manifestação e a polícia. "A 'Friends of the Earth' já fez outras manifestações diante da embaixada do Brasil, mas desta vez, ao contrário do que sempre fez, não nos avisou", disse o embaixador.

Diante da irregularidade da manifestação, a embaixada brasileira chamou a polícia e comunicou o fato ao Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha. "A manifestação de hoje não seguiu o procedimento normal, pois tudo sempre

transcorre normalmente", disse Souza e Silva.

O embaixador brasileiro afirmou ainda que recebe "às bateladas", cartas de manifestações contrárias à devastação da Amazônia, o tratamento recebido pelos índios, mortes de posseiros, sindicalistas, índios e religiosos da Amazônia.

Na carta de ontem, a "Friends of the Earth" faz um apelo ao governo brasileiro para a substituição da construção de hidrelétricas na Amazônia por projetos alternativos de energia. Cita trabalhos apresentados pelo reitor da USP, José Goldemberg e denuncia a participação dos bancos britânicos —Lloyds e Midland— e do Banco Mundial em financiamentos de projetos que estão "destruindo a Amazônia e os índios brasileiros". (Antonio Carlos Seidl)